

# Memória de um pesadelo morto

PEDRO AMOR PALMA

intransitiva  
• revista

CICATRIZES DA CONTEMPORANEIDADE (V. 5, N. 1, 2021)

# Memória de um pesadelo morto

Pedro Amor Palma

---

Eram agora seis bocas para alimentar. Ela, quatro peixinhos de aquário, todos iguais como se fossem cópias uns dos outros, e a Maria. Viviam juntas no mesmo apartamento. Um quinto andar de um prédio antigo cuja renda era suportável. Tinha-a encontrado no jardim que atravessava de manhã a correr para chegar a horas ao emprego, e depois com mais calma à tarde, na hora de regressar. Maria não era arisca como os outros gatos. Conquistou a sua nova dona com um miar tímido, seguido de uma marradinha nas pernas. Duplo golpe que lhe garantiu uma considerável melhoria da sua condição social. Apesar de animal, subiu na vida pela compaixão, e não pela força. Ana levou-a para casa, e depois de fazer o que se espera de uma dona responsável — ida ao veterinário, dar as vacinas e a conveniente esterilização, — batizou-a Maria.

A chegada de Maria fez com que as coisas se alterassem lá por casa. Não foi uma alteração significativa, nada com relevância para ser noticiado. Foram subtis alterações, insólitas reações químicas, choques de partículas inesperado, mudanças de direção, entre outros fenómenos que podem ser testemunhados quando se olha com atenção para o que quer que seja. Mais concretamente, para Maria acabaram os passeios no parque. Deixou de poder andar para onde bem entendesse, com o céu por cima do focinho, o cheiro da relva e da terra por baixo das patas, onde escavava as pistas que lhe serviam para viver. Mas passou a comer Whiskas sabor frango e leite, três a quatro vezes por dia, a petiscar ocasionalmente umas lascas de uma posta de salmão bem grelhada, beber água engarrafada, e a dormir em cima de uma almofada com um agradável aroma a amaciador de roupa.

Ana, por seu lado, aumentou um pouco a conta do supermercado, e descobriu que preferia cuidar mais da Maria do que dos peixinhos. Maria, para além de possuir feições mais humanas do que as de um

peixe, precisava de Ana, e reconhecia a comunhão que se estabelecia entre as duas. Quando os olhares se cruzam, é como se ficássemos presos a um anzol.

Ana tinha mudado de emprego. Recebia, em troca das quarenta horas semanais que deixava na receção de um Hotel perto de sua casa, 1200 euros mensais. Vendia horas a 7 euros e meio a unidade. Parecia-lhe um bom negócio, porque as horas que vendia eram todas más. Sabia, porém, que o seu vencimento não tinha qualquer relação com a subjectividade das horas passadas no hotel. O seu vencimento era definido por factores de ordem económica, financeira, resultantes de uma globalização, com rácios de consumo e taxas bancárias, dos quais ela nada sabia nem queria ouvir falar. Ana não gostava do seu emprego. Aos colegas dizia apenas que havia, evidentemente, uns dias piores do que outros. Já ao chefe confirmava que, tal como se sentia mesmo antes de começar a trabalhar, aquele emprego foi a melhor coisa que lhe podia ter acontecido. Não acreditava nessa mentira conveniente para o chefe. Acreditava, isso sim, noutra mentira também conveniente, de que a vida tem de ser ganha enquanto não se ganha a lotaria.

De vez em quando, se tivermos sorte, pode não nos sair a lotaria, mas as coisas mudam. Um dia paramos, naturalmente começamos a pensar, e somos confrontados com um contraste perturbador entre o sítio onde estamos e onde nos lembramos de ter estado.

Certo dia, os residentes do hotel começaram a ficar doentes, aparentemente todos partilhavam a mesma doença. No início, pensou-se que pudesse ser algo facilmente resolvido com uma mudança de ares. Abria-se as janelas para renovar o ar e tudo voltava ao normal. Em último caso, prescrevia-se qualquer medicamento, recomendado por um profissional de saúde creditado, e aí é que ficava mesmo tudo resolvido. O tempo passou, arejou-se tudo o que havia para arejar, mas a doença não desaparecia. Ninguém soube ao certo onde começara, mas acabou por chegar a todo o lado. O hotel começou a esvaziar-se até só lá restarem os funcionários. Por fim, também os funcionários foram para casa. Ana recebeu a notícia do chefe que a deu com enorme pesar. Chamou todos dizendo “juntem-se por favor” foi fácil pois não eram muitos, só os indispensáveis para

garantir os serviços mínimos. Seguiu-se o que parecia ser um discurso preparado em casa. Nunca é a mesma coisa do que olhar o outro nos olhos e dizer o que vai no coração, porém é mais seguro. O coração é muito imprevisível, apesar da sua cadência repetitiva. Ana, que não sentia os sintomas da doença, chegou a casa e pela primeira vez há muito tempo não tinha nada para fazer no seu horizonte temporal.

Sentiu um medo inesperado. Sempre imaginou que, não ter de trabalhar seria a melhor coisa que lhe podia acontecer. E agora as suas expectativas desiludiram-na. Coisas como ir beber café a um sítio novo, onde nunca tinha entrado, passear todo o dia, comer um chocolate em jejum. Estas coisas, que antes lhe serviam como rede de segurança para suportar o sofrimento do dia-a-dia, agora pareciam-lhe insignificantes. Sentia que ao fazê-las agora, era como se tivesse caído na sua rede de segurança, por ter falhado, e por isso devia sentir-se envergonhada. Como é que se pode desfrutar na rede de segurança? Ninguém paga para ver outro de barriga para o ar numa rede. E se não existisse rede de segurança? Como é que era?

Instalou-se um ócio que parecia agradar à Maria. Estava muito menos ansiosa por ter Ana mais tempo junto dela. Comia aquilo que havia na sua tigela, escolhia um local confortável, de preferência num sítio alto, conquistava-o ocupando-o com o seu corpo, e depois de lambe-lo as vezes que achava necessário, deixava o corpo desmaiar num sono sem preocupações. Ana podia fazer o mesmo, queria fazer o mesmo, mas não conseguia. Tinha de ter qualquer coisa para fazer. Arranjava desculpas para se sentir ostracizada. Ou eram as notícias de um mundo cheio de mortes, crimes, doenças, acidentes, guerras, a falta de civismo dos vizinhos, o aquecimento global. Tinha de haver uma explicação para ela não estar relaxada. Sentia inveja de Maria. Uma inveja que a fazia querer esterilizá-la novamente.

Decidiu ir ao café, sentar-se na esplanada enquanto o tempo não passava. Ao entrar surpreendeu-se por ver a dona do estabelecimento com uma máscara cirúrgica de cirurgia na cara.

— Então dona para que é isso que tem na cara credo?

— Ai menina isto agora é melhor prevenir. Tenho aqui o negócio para manter, não posso ficar doente agora.

— Olhe está com mais sorte do que eu.

— Ah pois foi. O hotel fechou não foi? E agora?

Por agora sentou-se, na esplanada, e fez durar o melhor que soube a sua cerveja. O vento que se fazia sentir abanava as folhas das árvores, e era só o que se podia ouvir. O álcool e aquele silêncio encontraram-se na sua mente, deixou de pensar. O cérebro moderno ocidental tem de estar sempre ocupado, então começou a recordar.

Enquanto recordava, tentava ir o mais distante que conseguia do momento presente. Era como atirar uma pedra o mais longe que se consegue e, por se ter sempre mais ou menos a mesma força, ela cairá sempre mais ou menos no mesmo sítio.

Desta vez, caiu nos tempos da escola primária. Bom lançamento! Nos intervalos sentava-se no recreio, abria a lancheira e comia o que mãe lhe mandava para comer. Havia uma orientação por parte dela: “Hoje gostei muito da sandes de queijo, mãe. Gosto mais do que de fiambre.” E a mãe lá fazia um esforço para lhe dar a sandes de queijo. Não podia ser sempre queijo, tinha de haver um compromisso. Até porque o queijo faz esquecer...

Naquele tempo sabia o que fazer. Havia até sinais sonoros que orientavam de forma inequívoca os passos a seguir. Como o toque de entrada para a aula. O sino da igreja tocou e levou-a da escola para a catequese. Quando fazia catequese, atravessava o largo da igreja e cumprimentava os sem-abrigo que paravam por baixo das árvores do largo. Acenava de longe, porque a mãe dizia para não se aproximar, nada de beijinhos nem apertos de mão, pois eles estavam sujos. Era verdade, eles estavam realmente sujos por não tomar banho. Lembrava-se de assumir que também deviam estar zangados por não ter casa. Paravam ali para expressar o seu descontentamento e esperar que alguém fizesse alguma coisa por eles. Entrava pela porta da igreja, não a principal, mas sim uma menor que dava acesso à uma sala de aula mais humilde do que a da escola. Sempre que conseguia, porque não havia lugares marcados, sentava-se junto à janela para olhar as árvores. Eram árvores boas de trepar, aquelas que os sem-abrigo escolhiam para lhes fazer sombra. Ainda hoje, quando se recorda, sente um impulso de trepar por elas acima, o mais longe que a coragem permitir.

Quando chegou a altura de fazer a Primeira Comunhão, teve de se confessar primeiro. Aprendeu nas aulas que existiam sete pecados. Bem educada como era, se fosse confessar alguma coisa seriam um, ou dois, dos sete. Gula, avareza e luxúria estavam logo excluídos. Além de serem palavras pouco presentes no seu vocabulário, naquela altura ela comia o que lhe metiam no prato, não tinha ordenado para possuir bens, e ainda não chegara à puberdade. Escolheu a preguiça e a inveja, apesar de não conseguir precisar com exatidão como pecara. Confessou ao padre e este disse-lhe para rezar um batalhão de Pais Nossos e Aves Maria, e talvez, com sorte, ainda houvesse esperança de não arder no inferno. Não foi exatamente isto que o padre disse, mas é o que ela se lembra de ter ouvido. Saiu da igreja com cara de quem lhe foi diagnosticado uma doença nova. Pediu à mãe umas moedas para dar aos sem-abrigo. O melhor era começar logo a trabalhar na sua salvação.

Se fosse hoje conseguiria confessar ao padre pecados a sério que cometera. Não tinha de inventar. Que pecado escolheria para abrir a confissão? Recentemente tinha deixado uma colega enganar-se no trabalho. Podia ter-lhe chamado a atenção para o erro, e evitar que o erro chegasse aos ouvidos do chefe que lhe daria um raspanete. Não o fez e deixou a colega pagar pelo seu erro. Porquê? Talvez por preguiça, ou inveja. Preferia que tivesse sido preguiça. Hoje em dia, preguiça nem sequer é mais um pecado. Mas se ainda for, a sua Maria pode já esquecer qualquer hipótese de salvação.

Sentiu um arrepio que chegou com uma rajada de vento mais forte. Bebeu o resto da cerveja e decidiu ir para o banco do jardim, continuar a sua busca no passado por pistas para o presente. Ainda ouviu a dona do café gritar qualquer coisa como “Não vá pelo parque menina. Chame um táxi”, mas não ligou.

Acordou eram já três da tarde, sentia-se cansada e com sede. Enquanto bebia água, tentava inventar alguma coisa para fazer naquele dia. Quem sabe era hoje que ia confessar-se a algum padre. Tinha tido um sonho muito estranho. No sonho, Maria estava a chorar como choram as pessoas. Tinha as orelhas descaídas, as pupilas dilatadas do tamanho dos olhos como se não existisse luz, e deixava escorregar da boca um miar tão triste como aquele sonho. Ana lançou-se a socorrer a sua gata, como se fosse a única

coisa que podia fazer. Abraçou-a como se fossem do mesmo tamanho, beijou-a nos olhos, no nariz e na boca, e no final, percebeu que a gata estava doente. Não sabia por que sabia, mas tinha a certeza, uma certeza que só se tem nos sonhos. Afastou-se num salto. Foi um afastamento tão duro que envergonhou-a. A uma distância de segurança, avaliou a sua gata. Tinha falhas de pelo em algumas partes do corpo. O nariz tinha uma gota de renho seco, que parecia estar preso à narina esquerda como cera a uma vela, mas em vez do branco da cera, era amarelo esverdeado, cor de escarreta. O olhar suplicante por afeto que Maria mantinha desde o desfecho abrupto do abraço, foi de repente interrompido para dar lugar a uma tosse convulsiva. A maneira como o corpo de Maria se contorcia para expelir qualquer coisa repugnante, de dentro para fora, era de uma bestialidade inquietante. Podia ver-se as costelas quando tossia, uma tosse seca, as costelas ossudas, duras como as de pedra, que protegiam entranhas mal cheirosas, mas essenciais para a Maria fazer o que estava a fazer agora. Finalmente, cuspiu uma bola vermelha e esverdeada de pelo. As cores faziam lembrar o interior de um berlinde, e sugeriam as do interior obscuro de Maria. Era um animal, tão animal como um verme ou um peixe esquisito. Coçava desesperadamente, com os dentes, uma ferida junto ao ânus. Fazia-o como se não existisse mais nada que não o desejo de acabar com aquela comichão. Era um bicho o que tinha ali em cima da cama. Quando terminou de se coçar, saltou da cama ao encontro da dona. Ana fugiu do quarto e fechou a porta atrás de si com cuidado para não a deixar sair. Como quem tenta prender uma mosca ou uma melga em algum sítio que não incomode. Mas Maria continuava a existir, e fechá-la no quarto para sempre não podia ser solução. E se a doença que infetou a cidade teve origem nos gatos do parque? E se ela sem saber, ao trazer a Maria para casa, trouxe a doença? Como é que se mata uma gata? Não é como matar uma mosca, mas também não é como matar uma pessoa. Como é que se faz? Foi à cozinha e misturou leite com veneno. Não sabia que tinha veneno em casa, nem sabia o que ia fazer até encontrar um pacote de cartão com uma caveira desenhada num dos lados. Coisas que só fazem sentido nos sonhos. Despejou veneno e leite numa taça, misturou bem com uma colher que não foi para lavar, foi logo para o lixo, e abriu a porta do quarto. Mal a porta abriu Maria tentou esgueirar-se para fora, mas Ana com um pontapé empurrou-a para dentro. Pousou a taça no

chão e saiu de novo fechando a porta atrás de si. Seguiram-se seis ou sete miases, e depois silêncio. Quando espreitou para dentro do quarto viu Maria a um canto, numa luta para não morrer. Havia um rasto de vômito e fezes desde a taça até onde ela se encontrava agora, na sua última dança. Eram os movimentos de quem está para morrer, fosse que animal fosse. Movia-se como um inseto a quem lhe foi esmagada uma parte do corpo, e agora a outra age como se estivesse tudo como dantes, apesar de nunca mais poder estar. Finalmente caiu. As esperadas convulsões finais, e foi-se. Fim do movimento.

Recordou o sonho até ao lamentável desfecho. Depois levantou-se para encontrar Maria. Nem sinal dela, e no quarto, a janela estava aberta. Recordou-se de um dia ter lido algures, a respeito dos gatos, qualquer coisa como “se lhes abrem a porta nunca mais os vêm”, ou neste caso, a janela. Ademais, o quarto tinha um cheiro podre, de alimentos em decomposição, a cama não tinha lençol, e não estava lá a habitual carpete. Ana voltou a recordar o sonho e sentiu um calafrio de terror. Foi para o computador, colou uma foto de Maria numa folha, escreveu “Procura-se” com letras gigantes, e imprimiu várias cópias. Sempre a chorar. Atravessou o parque, desta vez de andar verdadeiramente apressado. Não era a pressa de chegar ao emprego, nem conseguia compreender esta pressa agora. Chegou ao café onde tinha estado, limpou a cara e recompôs-se. Não por vergonha da sua vulnerabilidade, mas porque queria ir logo direito ao assunto.

— Então menina. Como é que está essa cabeça?

— Posso deixar aqui uma folhinha destas?

— Perdeu a gata? Não admira. Com a bebedeira com que saiu daqui ontem, deve ter deixado a porta aberta. Deixe lá que ela volta. Os gatos voltam sempre a quem os trata bem, menina.

Não compreendia o que se estava a passar. Não tinha memória de ter bebido tanto. Arrastou-se pelo parque até a casa. Sempre que via um gato o seu coração se sobressaltava, para depois cair numa valeta de desilusão. Nunca mais iria ver a sua Maria. Sentiu uma solidão como nunca antes tinha experimentado. Como se lhe tivessem tirado tudo o que podia existir, e tudo o que agora lhe pudessem devolver, o emprego, a cidade, os cafés,

os passeios, os amigos, nada nunca iria servir para se livrar da solidão que sentia. Entrou no prédio, deixando atrás de si o calor abrasador que desidratava o que o suposto álcool que bebera na noite anterior não teve oportunidade de desidratar. Ao respirar o ar que a pedra que revestia o prédio conservava fresco, ouviu o miar doce de Maria. Estava sentada no primeiro degrau da longa escadaria que subia até casa, num sossego inquebrável, à espera da sua Ana. Um alívio desceu da garganta até ao ventre de Ana. Um soluço com o nome de Maria caiu-lhe da boca como lhe caíam as lágrimas dos olhos. Agarrou na sua Maria, e subiu com ela a escadaria, sem nunca lhe faltarem as forças, apesar de momentos antes, pensar que não seria capaz.

Entrou em casa e despiu-se, estava exausta. O corpo jovem ensopado de suor pegajoso, pronto a prender nele qualquer outro corpo, pedia um banho de água fria. Foi até à janela do quarto e acendeu um cigarro. Lá embaixo, duas crianças tocavam num gato morto, com um pau, para manter uma distância segura da morte. Fosse o que fosse que tivesse acontecido, ou estava para acontecer, tudo havia de ser esquecido, como nos esquecemos sempre daquilo que sonhamos.

## Sobre o autor

Pedro Palma é autor de língua portuguesa. Licenciado em Gestão Desportiva, possui também uma pós-graduação em narrativas cinematográficas pela Escola Superior de Teatro e Cinema. Trabalha no seu sótão, numa casa longe da cidade, para não se distrair tanto. Autor do *blog* de micro-contos “Contos do urinol”, está, neste momento, a trabalhar como escritor *freelancer*.